

Museu e Universidade: articulação entre cultura e currículo do Ensino Superior sob a percepção de estudantes, professores e gestores de museus

Museum and University: articulation between culture and curriculum of Higher Education under the perception of students, professors and museum managers

Luciana Pasqualucci

DOI 10.26512/museologia.v9i18.31313

425

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender, a partir da percepção dos sujeitos de pesquisa, o modo como se articula (ou não) a relação entre museu e universidade para a aproximação entre cultura e currículo do Ensino Superior. Foram entrevistados 37 alunos de diversos cursos e universidades da cidade de São Paulo, dois professores da Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP, uma professora associada sênior ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP, três gestores de museus da cidade de São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP, MAC USP e Pinacoteca do Estado, uma educadora do MAM-SP, um educador do MAC USP e a coordenadora de pesquisa do Projeto Tainacan. Os depoimentos revelam a pertinência da parceria entre museu e universidade para a necessária articulação entre currículo do Ensino Superior e cultura.

Palavras-chave

Museu. Universidade. Ensino Superior. Cultura. Interdisciplinaridade.

Abstract

The objective of this paper is to understand, from the perception of the research subjects, the way in which (or not) the relationship between museum and university is articulated for the approximation between culture and the curriculum of Higher Education. Thirty seven students from different courses and universities in the city of São Paulo were interviewed, two professors from the Pontifical University of São Paulo - PUC-SP, a senior associate professor to the Museum of Contemporary Art at the University of São Paulo - MAC USP, three managers from museums located in the city of Sao Paulo: Museum of Modern Art of São Paulo - MAM-SP, MAC USP and Pinacoteca of the State, an educator from MAM-SP, an educator from MAC USP and the research coordinator of the Tainacan project. The testimonies reveal the relevance of the partnership between museum and university for the necessary articulation between curriculum of Higher Education and culture.

Keywords

Museum. University. University education. Culture. Interdisciplinarity.

Introdução

A apropriação do museu pela comunidade acadêmica amplia a visão de mundo de futuros profissionais que, ao especializarem-se na universidade, encontram no museu um espaço para a realização de outras experiências de formação (PASQUALUCCI, 2020). O museu e a universidade são espaços socialmente constituídos, e a extensão do território curricular da universidade para os museus pode garantir a relação entre seres humanos, conhecimento acadêmico e objetos culturalmente reconhecidos.

O reconhecimento cultural de um objeto pressupõe o estabelecimento de um critério, um sentido e um modo de organização, de operações necessárias à vida em sociedade. Esses movimentos estão relacionados à dinâmica da lembrança e do esquecimento de fenômenos sem os quais os sujeitos não podem apropriar-se de seu espaço na sociedade.

Ao considerar o museu um espaço interdisciplinar em que se organizam pautas artísticas, históricas, científicas e conteúdos curriculares, a universidade aproxima-se ainda mais de uma importante função: a de preparar a comunidade acadêmica para uma atuação consciente em sociedade. Uma política universitária de acesso à cultura voltada aos alunos, que representam a nova geração de profissionais, possibilita pensarmos que a parceria entre universidade e museu prevê a formação cultural (ADORNO, 1996) da sociedade.

A formação cultural da comunidade acadêmica proveniente da relação interinstitucional e interdisciplinar entre universidade e museu permite que se perceba o patrimônio não como um conjunto de bens e sentidos definidos, mas, sim, um processo social. No museu, a cultura está relacionada às práticas institucionais. No diálogo com a universidade, seu caráter processual torna-se ainda mais evidente na medida em que a dimensão comunicativa dos seus conteúdos se articula ao currículo, acentuando a cultura mais como um elemento voltado à compreensão e à reprodução ou à transformação da sociedade, e menos como uma estrutura definitiva.

Neste artigo, apresentamos a pesquisa de campo e os resultados obtidos por meio de entrevistas com alunos do Ensino Superior, professores, gestores e educadores de museus e com a coordenadora de pesquisa de um projeto de difusão de acervos digitais. O objetivo foi compreender, a partir da percepção dos entrevistados, o modo como se articula (ou não) a relação entre museu e universidade para a aproximação entre cultura e currículo do Ensino Superior. Assim sendo, a seguir, delineamos a metodologia utilizada nesta pesquisa e, em seguida, abordamos currículo e cultura na percepção dos sujeitos entrevistados.

Metodologia

Segundo Lüdke e André (2013) e Chizzotti (2014), a entrevista é um dos dispositivos metodológicos mais importantes para explorar os temas de acordo com a visão dos sujeitos. A quantidade de jovens graduandos, concentrada na área de ciências humanas, abordados¹ para a pesquisa foi 106, no período de agosto a dezembro de 2017. Destes, 69 universitários, questionados nos espaços das universidades, disseram não frequentar museus. Eles apontaram não fazê-lo por falta de costume e de incentivo familiar e por não estabelecerem relação do conteúdo apresentado pelo museu com o que estudavam no curso de Graduação. Assim sendo, por responderem “não” à primeira pergunta do roteiro (Apêndice A), não prosseguimos com a entrevista. Dos 106 universitários abordados, 37 disseram frequentar museus. Desse modo, seguimos com o rotei-

1 A quantidade de 106 graduandos foi abordada, com a seguinte questão: “Você costuma frequentar museus? Caso sim, por quais motivos? Caso não, por quê?”, nos espaços da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), especificamente nos seguintes cursos: Relações Internacionais, Direito, Psicologia, História e Jornalismo; e da Universidade de São Paulo, nos cursos de Ciências Sociais, Letras, Direito, História, Filosofia, Música, Jornalismo, Artes Cênicas, Biblioteconomia, Física, Artes Dramáticas e Artes Visuais. Além desses espaços, os sujeitos foram abordados nas áreas dos seguintes museus: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e Museu da Imagem e do Som (MIS).

ro de perguntas disponível no Apêndice A. Obtivemos diferentes respostas em relação à frequência das visitas aos museus e à sua intencionalidade, conforme descritivo apresentado na sequência.

Os grupos de entrevistados foram divididos em quatro blocos: um com a quantidade de 37 universitários de instituições de Ensino Superior entrevistados em museus e em universidades, outro em que foram entrevistados dois professores da PUC-SP – um professor do curso de História e um professor do curso de Jornalismo –, uma professora associada sênior ao MAC USP e três gestores de museus – o diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, o curador do MAM-SP e o diretor do MAC USP (ver roteiro no Apêndice B), outro em que foram entrevistados/as uma educadora do MAM-SP e um educador do MAC USP (ver roteiro no Apêndice C) e outro em que foi entrevistada a coordenadora de pesquisa do Projeto Tainacan (ver roteiro no Apêndice D). Todos os entrevistados consentiram a entrevista e a sua publicação, bem como a identificação nominal e institucional.

A idade dos universitários entrevistados e o respectivo curso, semestre letivo e instituição estão sintetizados no Quadro I que segue.

Quadro I - Síntese dos universitários entrevistados

Nome	Idade	Universidade	Curso	Semestre
M.	22	USP	Ciências Sociais	8°
T.	26	USP	Letras	2°
J.	31	USP	Letras	10°
G.	19	USP	Letras	4°
A.	21	USP	Letras	2°
N.	23	USP	Direito	8°
B.	24	USP	História	8°
R.	31	USP	Filosofia	4°
R.	25	USP	Filosofia	2°
W.	26	USP	Geografia	9°
L.	22	USP	Música	8°
B.	20	USP	Jornalismo	8°
C.	26	USP	Artes Cênicas	12°
C.	23	USP	Biblioteconomia	4°
G.	23	USP	Relações Públicas	4°
K.	20	USP	Física	2°
V.	22	USP	Artes Dramáticas	4°
J.	23	USP	Artes Visuais	10°
L.	20	PUC-SP	Relações Internacionais	3°
A.	22	PUC-SP	Relações Internacionais	6°
G.	18	PUC-SP	Direito	2°
M.	22	PUC-SP	Psicologia	8°
B.	20	PUC-SP	Psicologia	4°
B.	19	PUC-SP	História	4°
G.	18	PUC-SP	Jornalismo	2°
E.	20	PUC-SP	Jornalismo	6°
G.	20	PUC-SP	Jornalismo	6°
D.	25	Mackenzie	Jornalismo	5°
M.	29	Mackenzie	Publicidade	6°
G.	21	UNESP	Design	8°

C.	20	UNIP	Administração	5º
S.	21	UNIP	Filosofia	7º
P.	26	UNIP	Marketing	5º
J.	22	UNIP	Sociologia	7º
M.	22	FMU	Arquitetura	6º
J.	22	FMU	Veterinária	6º
P.	29	São Judas	Direito	3º

Fonte: Elaborado pela autora para fins de pesquisa.

Fazendo-se uso da pesquisa qualitativa com subsídios da pesquisa quantitativa, objetivamos estabelecer um estudo descritivo, analítico e interpretativo da investigação. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo corresponde aos objetivos explicitados a seguir, os quais expressam o “[...] desejo de rigor e a necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências” (BARDIN, 2016: 35). De acordo com o autor:

A superação da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será minha leitura válida e generalizável?

E o *enriquecimento da leitura:* se um olhar imediato, espontâneo, e já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não possuíamos a compreensão. (BARDIN, 2016: 35, grifos do autor).

Desse modo, discutimos a articulação entre universidade e museu para a formação cultural dos universitários a partir do que foi apontado pela pesquisa de campo, conforme o seu intuito, que foi enfatizar a importância da articulação entre a universidade e o museu para o processo de integração entre o currículo do Ensino Superior e a cultura.

O estudo descrito fundamenta-se na análise de conteúdo de Bardin (2016), que busca colher indicadores e conhecimentos relativos às condições de variáveis deduzidas na mensagem, mediante procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A pré-análise realizada deu-se a partir do que Bardin chama de leitura flutuante. As entrevistas gravadas foram transcritas e foram selecionados trechos significativos com base nos seguintes critérios: motivos pelo qual frequenta ou não o museu; importância do museu e da cultura para a formação pessoal e profissional; articulação existente ou não entre currículo universitário e conteúdos ofertados pelo museu; e desdobramentos da experiência entre museu e exposições de arte e universidade e currículo do Ensino Superior.

Após a transcrição e a seleção preliminar de trechos significativos, a análise buscou identificar padrões de repetição na comunicação dos participantes da pesquisa. As características das mensagens foram examinadas de forma a esmiuçar o contexto e o significado dos conceitos nas mensagens, relacionando-as às condições implícitas ou explícitas que a produziram. Foi mantido sigilo em relação à identidade dos participantes, utilizando-se apenas as letras iniciais de seus nomes, a idade, o curso e a instituição para remeter-se a eles de forma a não perder a organização dos dados e a identificação dos sujeitos para o leitor.

Com base em Bardin (2016), os temas foram organizados por critérios semânticos, relacionando unidades significantes. Em seguida, foram definidas as categorias semânticas que organizam o problema da necessidade de articulação entre a universidade e o museu para a formação cultural dos universitários. Com base em Bardin (2016), a designação das categorias semânticas deu-se de modo que fosse possível a exclusão mútua entre elas, garantindo-se homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade (BARDIN, 2016) de modo a organizar o estudo. O Quadro 2 a seguir demonstra o caminho percorrido na organização da análise.

Quadro 2 - Legenda das categorias semânticas para análise

Categorias Semânticas	Trechos significativos das entrevistas
Razões para frequentar museus assiduamente	<ul style="list-style-type: none"> - acesso: facilidades de acesso, disponibilidade de acesso. - relação entre arte e curso universitário. - relação entre arte e cultura local.
Razões para frequentar museus pouco assiduamente	<ul style="list-style-type: none"> - pouca oferta. - não relação entre arte e curso universitário
Reflexão sobre formação cultural	<ul style="list-style-type: none"> - formação pessoal e profissional. - relações estéticas. - cultura enriquecedora. - entrelaçamento entre todos os campos de criação e criatividade. - forma de lazer. - forma de compreender a atualidade, o mundo, o outro. - formação técnica x [versus] formação pessoal.
Vínculo interinstitucional entre universidade e museu	<ul style="list-style-type: none"> - atividade complementar x atividades transdisciplinares. - pouco incentivo por parte dos professores. - pouco incentivo governamental. - pouca atratividade do museu. - relação teoria e realidade pouco explorada. - excesso de trabalho por parte da universidade. - legitimidade do vínculo universidade – museu. - financiamento das ações do museu via agências de fomento com verbas destinadas às universidades.
Interação curricular museu-universidade	<ul style="list-style-type: none"> - O conteúdo curricular não se relaciona com o conteúdo do museu: perda para o processo formativo do estudante x conteúdo dos museus intimamente ligado ao curso universitário. - Iniciativas de interação curricular entre universidade e museu partem de pessoas e não de instituições x iniciativa institucional. - Despreparo na formação profissional para que professores incentivem a interação curricular universidade e museu. - A articulação entre universidade e museu deve ser incentivada pela universidade, mas buscada pelo próprio aluno.

Fonte: Elaborado pela autora para fins de pesquisa.

Os conteúdos obtidos nesse processo de análise foram tratados qualitativamente de modo a priorizar a interpretação das questões que emergiram na voz dos participantes. Ainda que os resultados, as inferências e a interpretação das informações sejam congruentes com o objetivo geral da pesquisa, eles contemplam também os objetivos específicos: compreender as razões dos

universitários para frequentar ou não frequentar o museu, perceber como o universitário concebe a importância da cultura para a sua formação pessoal e profissional e compreender como se dá, na atualidade e na prática, o vínculo e a interação curricular entre o museu e a universidade.

Currículo e cultura na percepção de estudantes visitantes, gestores de museus e docentes universitários

A análise foi ancorada na teoria da formação cultural de Theodor Adorno (1996) e foi organizada a partir dos seguintes elementos: razões para frequentar ou não frequentar os museus; a importância dos museus para a formação pessoal e profissional; vínculo interinstitucional entre universidade e museu; interação curricular entre universidade e museu; missão pedagógica do museu; e, por fim, a insuficiente articulação entre universidade e museu.

Razões para frequência

A seguir, elencamos as razões apresentadas pelos universitários para frequência aos museus: se assídua (alta) ou baixa.

Os universitários entrevistados que frequentam museus assiduamente apontam as seguintes razões para o fato:

- acesso ao conteúdo histórico e artístico;
- acesso aos diferentes contextos que envolvem a arte e a cultura;
- expansão da visão crítica do mundo, relações com outras áreas do conhecimento;
- acesso a um conteúdo diversificado;
- experiência social;
- ampliação do repertório e curiosidade.

Nos excertos que seguem, o acesso ao conteúdo histórico sobressai-se:

Gosto porque vejo coisas interessantes, fatos históricos relacionados ao país e a outros contextos, acontecimentos diversos e diferentes modos de se enxergar algo. O melhor é o acontecimento histórico. A maioria dos professores incentivava, mas não pede retorno, então acabo não indo. Mas acho que é porque faço Direito. Outras faculdades devem ter uma relação direta, imagino, tipo História, Jornalismo, Arte, é claro. (P. - 29 anos. Direito São Judas. 3º semestre, grifo nosso).

A arte possibilita muitas propostas. E a parte histórica ajuda na minha formação profissional por conta das composições. Eu me sinto incluído quando visito um museu, porque é uma proposta sobre algo para as pessoas pensarem, e, ao mesmo tempo, possibilita fazer relações com as experiências pessoais de cada um. No meu curso, às vezes, fomos incentivados a visitar algumas exposições. Mas o problema é que depois não conversamos sobre ela, aí se perde. Mas em algumas disciplinas deveria ser obrigatório o diálogo com o museu, como a Filosofia e Arte Contemporânea. Sair dos livros, ver no museu e voltar aos livros seria maravilhoso. (L. - 22 anos. Música USP. 8º semestre, grifo nosso).

Podemos notar, nas falas a seguir, a necessidade humana da cultura e o reconhecimento da importância dos conteúdos culturais no processo de formação:

Visito exposições uma vez por mês. Gosto de ter contato com outro tipo de representação de materiais, outras configurações especiais, outras narrativas. **É importante para a minha formação.** (G. – 23 anos. Relações Públicas USP. 4º semestre, grifo nosso).

Eu visito museus sempre. É importante para a minha formação, **pois preciso de referências.** (M. – 22 anos. Arquitetura FMU. 6º semestre, grifo nosso).

Alguns universitários relacionam à expansão da visão crítica do mundo:

Visito exposições com certa frequência, uma vez por mês mais ou menos, pois **é importante para o meu trabalho.** Jornalista precisa estar conectado com tudo. (B. – 20 anos. Jornalismo USP. 8º semestre, grifo nosso).

O museu desperta a curiosidade principalmente daqueles que o frequentam habitualmente, pois sabem que poderão encontrar no espaço museológico situações de descobertas relacionadas à historicidade constitutiva do ser humano:

Eu visito pouco, umas duas vezes por semestre mais ou menos. Acho interessante **entrar em contato com outros modos de olhar,** outras culturas, outras possibilidades de enxergar o mundo. (A. – 22 anos. Relações Internacionais PUC. 6º semestre, grifo nosso).

O registro social do conteúdo de uma exposição aparece pela significação das relações interpessoais, no campo da experiência comunitária. Nos tempos atuais, o registro social costuma ser enfatizado de modo não presencial e, no museu, o registro social ganha significação pelas relações pessoais, mediadas por um conteúdo diversificado, adquirindo, dessa forma, uma dimensão poética:

Eu visito algum museu pelo menos uma vez por mês. Não tanto pela exposição ou pelas obras, mas pela experiência social que ele me permite. Observar as pessoas e as reações diante dos trabalhos é bem interessante. E os comentários são muito bons. Acho que podemos conhecer um pouco das pessoas pela maneira como se comportam diante da obra de arte. (J. – 22 anos. Sociologia UNIP, 7º semestre, grifo nosso).

As razões para os que pouco frequentam os museus são:

- falta de interesse;
- falta de incentivo do professor;
- demandas do curso de Graduação que acarretam a falta de tempo hábil;
- ausência de relação entre os conteúdos do museu e o curso universitário.

Essas razões mesclam-se a três das categorias elencadas para a análise do vínculo entre museu e universidade, a saber: pouco incentivo do professor², pouco incentivo governamental, excesso de trabalhos da faculdade (inviabilidade de tempo). E há uma categoria elencada para a análise da interação curricular universidade-museu: conteúdo curricular não se relaciona com o conteúdo do museu.

2 Entendemos que “o pouco incentivo do professor” é, também, resultado do pouco incentivo ao professor. Muitos docentes, em seu processo de formação, não se apropriam das possibilidades educativas do museu e, no exercício da profissão, não recebem incentivos da coordenação pedagógica, direção das faculdades e/ou da própria reitoria da universidade.

Em se tratando da **falta de incentivo do professor**, podemos destacar:

Não frequento muito, acho que uma vez por semestre. [...]. **Temos uma disciplina chamada Antropologia na fotografia, em que poderia ser explorado museus. Mas com o acompanhamento do professor, com troca na sala de aula, senão fica vazio.** E acabamos nem indo. Desestimula. (M. – 22 anos. Ciências Sociais USP. 8º semestre, grifo nosso).

Eu raramente frequento museus, acho que uma vez por ano. No meu tempo livre prefiro fazer outras coisas. E os **professores do meu curso não pedem. Se pedissem eu iria e acho que seria interessante, pois me ajudaria no aspecto histórico.** Desafiar o modelo tradicional é bom. Ter contato com coisas de verdade engrandece e desafia. (W. – 26 anos. Geografia USP. 9º semestre, grifo nosso).

Eu visito exposições, mas é raro. **Tenho tanta coisa para fazer da faculdade que dou preferência para fazer o que é pedido em sala de aula. [...]. Os professores poderiam incentivar mais, pois me sinto desinformada em relação às questões culturais.** E um jornalista precisa estar antenado. A disciplina “Aula prática e jornalismo” poderia acontecer num museu, por exemplo. (G. – 18 anos. Jornalismo PUC 2º semestre, grifo nosso).

No que diz respeito ao **excesso de trabalhos da faculdade** (inviabilidade de tempo), podemos pontuar:

Não costumo visitar exposições. [...]. **Tem tanto trabalho para fazer, tanta coisa, que nas horas de folga não vou aos museus.** E muito dos nossos trabalhos são teóricos. No museu dá para unir teoria a realidade. Fui no Memorial da América Latina numa festa boliviana, teve dança folclórica. Tudo alegre, festivo e com conteúdo. Mas os professores não relacionam. (J. – 31 anos. Letras USP. 10º semestre, grifo nosso).

Quase não frequento porque na minha família não se tem o costume. E aqui na faculdade não é pedido. **E já pedem tanta coisa que eu faço o que é solicitado, não sobra quase tempo para outras coisas.** (G. – 19 anos. Letras USP. 4º semestre, grifo nosso).

Em relação ao **pouco incentivo governamental**, salientamos as seguintes falas:

Frequento muito pouco. Um ou duas vezes por semestre. [...]. **No curso de Filosofia deveria ser obrigatório os alunos visitarem museus.** O curso é muito teórico, são muitas leituras, nos distanciam da experiência. E o museu é uma experiência sobre o real, eu acho. Sobre o contemporâneo. E, nos dias de hoje, precisamos ter referências sobre a cultura visual, não só pelo refinamento estético, mas por conta dos acontecimentos que envolvem a arte. (R. – 31 anos. Filosofia USP. 4º semestre, grifo nosso).

Não visito muito os museus. Não sobra tempo além das coisas do curso e da minha vida pessoal. **Se o museu tivesse a ver com o curso, eu iria. Acho até que tem, mas como não é pedido, não é incentivado, não sei e não vou.** (V. – 22 anos. Escola de Artes Dramáticas USP. 4º semestre, grifo nosso).

Se, para Adorno (1975), o sujeito é moldado no processo de configuração de sua vida social, há distinção entre o universitário que frequenta e usufrui o museu como espaço cultural e social e o universitário que não o faz. O universitário que não frequenta aponta a dificuldade em construir sentidos em re-

lação à cultura e apropriar-se dela. Não se percebe, inclusive, como parte dela e considera o museu como uma demanda que sobrecarrega, tornando-se inviável pela falta de tempo. Com isso, podemos notar que a ausência de uma política de acoplamento entre educação e cultura pode ter como consequência a falta de confiança para participar, interpretar e criticar alguns dos acontecimentos da realidade, como melhor discorreremos a seguir.

A importância dos museus para a formação pessoal e profissional

Para os universitários, a importância do museu para a formação pessoal e profissional dá-se:

- por despertar o interesse para coisas diversas;
- porque a arte apresenta referências sobre a contemporaneidade e a história;
- por permitir saber coisas sobre si mesmo;
- por ofertar conhecimentos gerais;
- por estabelecer relações entre diversas áreas e acontecimentos;
- por associar diferentes fenômenos.

Os universitários mencionam a importância da cultura como um elemento “enriquecedor” (G. – 21 anos. Design Unesp. 8º semestre), importante para “**saber o que está acontecendo no mundo, formular ideias**” (G. – 21 anos. Design Unesp. 8º semestre, grifo nosso) e “**porque a arte traz referências do que acontece em nosso tempo**” (A. – 21 anos, Letras USP. 2º semestre, grifo nosso). Além disso, o museu “**traz uma nova forma de ver coisas rotineiras**” (K. – 20 anos. Física USP. 2º semestre, grifo nosso), possibilita “**adquirir mais conhecimentos no geral**” (L. – 20 anos, Relações Internacionais PUC. 3º semestre, grifo nosso) e “**aprender a fazer associação entre as coisas**” (G. – 18 anos, Direito PUC. 2º semestre, grifo nosso).

Podemos notar que a experiência no museu possibilita o papel ativo do sujeito frente ao conhecimento o que, de acordo com Adorno (1975), é fundamental para garantir experiências formativas. Apropriar-se subjetivamente da cultura e dialogar com diferentes fontes intelectuais são possibilidades decorrentes da ampliação do território da universidade para o museu. Quando os universitários nos dizem que “**os museus não são só espaços de sensações. São para pensar**” (B. – 19 anos. História PUC. 4º semestre, grifo nosso) e “**acho que estamos perdendo a cultura dos museus**” (E. – 20 anos, Jornalismo PUC. 6º semestre) reiteram a necessidade de o currículo contemplar experiências de formação cultural que, obtidas na relação entre o sujeito e a cultura, auxilia na construção da identidade ao mesmo tempo que prepara para viver em sociedade (ADORNO, 2012). “**E eu posso me identificar, o que permite saber coisas sobre mim mesma**” (R. – 31 anos. Filosofia USP. 4º semestre, grifo nosso).

A importância da formação cultural para a vida e para a profissionalização dos sujeitos revela-se quando os universitários dizem, por exemplo, que “**é importante ter contato com diversos meios, formas e manifestações da cultura, senão seremos incompletos**” (G. – 21 anos. Design Unesp. 8º semestre, grifo nosso). E também: “**A nossa cabeça nunca fica parada diante de uma obra de arte. Se não é para saber sobre ela, é para apren-**

der a saber sobre qualquer outra coisa” (S. – 21 anos. Filosofia UNIP, 7º semestre, grifo nosso).

A ausência de vínculo entre a universidade e o museu e a falta de estímulos para que o universitário visite exposições e participe das programações culturais promovidas pelos museus gera uma lacuna na formação cultural do jovem e futuro profissional, acarretando certa deficiência na autoestima em relação:

- à produção de significados que envolvem a cultura: **“Gostaria de entrar no museu e entender o que significam aqueles trabalhos. [...] Me sentiria mais parte da nossa cultura, me sentiria até mais inteligente”** (C. – 20 anos. Administração Unip. 5º semestre, grifo nosso);

- às elaborações de critérios: **“Se você não possui o mínimo de referência, você embarca nos significados prontos que te oferecem”** (R. – 31 anos. Filosofia USP. 4º semestre, grifo nosso);

- aos conhecimentos gerais: **“A cultura material possui seus próprios códigos e não somos exercitados para isso”** (R. – 25 anos. Filosofia USP. 2º semestre, grifo nosso);

- à informação sobre o cotidiano e sobre o mundo: **“imagino que num trabalho de arte [...] esteja cheio de significado interessante, que inclusive tem a ver com a sociedade e com notícias de jornal, de TV”** (C. – 20 anos. Administração Unip. 5º semestre, grifo nosso).

Isso é o que Adorno (2006) denomina como “semiformação”. O sujeito não reconhece a cultura por ele produzida. O não envolvimento do sujeito com a cultura é tão penoso para ele quanto o processo de dominação da indústria cultural como meio de controle e de reprodução simbólica. Por conseguinte, o não envolvimento com a cultura, consequência da falta de uma política de articulação entre educação e cultura, leva à submissão de processos simbólicos estabelecidos, seja pelo não acesso e pela não decodificação, seja pela aceitação dos significados estabelecidos, o que de uma forma ou de outra gera a perda da dimensão emancipatória da educação e da cultura.

Vínculo interinstitucional entre universidade e museu

Para os universitários, o vínculo interinstitucional entre universidade e museu:

- não existe;
- poderia ser explorado pelo curso pelos seguintes motivos: contextualizações sobre os fenômenos do mundo, relações entre teoria e realidade, referências sobre cultura visual, exercícios persuasivos.

De acordo com as falas dos universitários entrevistados, esse vínculo não existe:

O meu curso não explora isso. Mas acho que não porque ninguém deu ideia de que podemos fazer coisas que estão além das exposições. Não que as obras em si não sejam interessantes, são e muito, Mas o museu todo e seus visitantes são igualmente interessantes. (J. – 22 anos. Sociologia UNIP. 7º semestre, grifo nosso).

A formação de um profissional responsável e consciente, a valorização das relações sociais, a interação entre o mundo individual e social, a contextualização dos acontecimentos da cidade, da política, da história, do mundo e o desenvolvimento da responsabilidade social (exigência de toda sociedade para com os seus profissionais) não estão sendo potencialmente trabalhados. De acordo com a fala de alguns dos entrevistados:

A academia não dá conta de tanta contextualização. A narrativa do museu mostra um momento social que é considerado a parte da academia. [...] A academia não dá as chaves de leitura de tantos códigos, é difícil acessar tudo, então relacionar a teorização com estímulo visual deveria ser interessante por relacionar e desconstruir o fetichismo da história. (B. – 24 anos. História USP. 8º semestre, grifo nosso).

O museu é uma experiência sobre o real [...]. E nos dias de hoje precisamos ter referências sobre a cultura visual, não só pelo refinamento estético, mas por conta dos acontecimentos que envolvem a arte. As pessoas usam a arte como elemento persuasivo. (R. – 31 anos. Filosofia USP. 4º semestre, grifo nosso).

Esse aluno refere-se a dois acontecimentos ocorridos no final do ano de 2017, envolvendo censura e difamação: o fechamento de uma exposição em Porto Alegre³ e uma performance artística realizada na abertura de uma exposição em São Paulo⁴. Esta última, registrada em um vídeo em que uma criança, acompanhada pela mãe, toca nos braços e no tornozelo de um homem nu, tomou conta das redes sociais provocando uma histeria desmedida em que políticos e organizações digitais chegaram a dizer que o grande problema do país são as exposições e as performances de arte, utilizadas pelos movimentos de esquerda para corromperam a nação. De acordo com o aluno:

Se você não possui o mínimo de referência, você embarca nos significados prontos que te oferecem. Veja que absurdo o que aconteceu no MAM. Agora dizem que a performance é coisa de esquerdista, que querem subverter as crianças. E tem gente que acredita e embarca nessa. Por quê? Porque não tem referência. (R. – 31 anos. Filosofia USP. 4º semestre, grifo nosso).

Já o estudante de *Marketing*, quando menciona o papel persuasivo da arte, destaca a possibilidade de estudar no museu o modo como o estímulo visual e o que é dito sobre ele pode persuadir as pessoas a consumir determinados produtos: “Penso que os meus professores poderiam propor exercícios assim para nós”. Segundo esse aluno:

Poderíamos usar os museus e as obras como início de um exercício de persuasão. Teríamos que convencer as pessoas que aquilo é arte com as palavras ou com a proposta de uma campanha de marketing. (P. – 26 anos. Marketing Unip. 5º semestre, grifo nosso).

3 Exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira” (15 de agosto a 8 de outubro de 2017) no Santander Cultural, em Porto Alegre, fechada um mês antes do previsto depois que movimentos apontaram que a exposição fazia apologia à pedofilia e à zoofilia.

4 Performance “La Bête”, trabalho interpretativo da obra “Bichos” da artista Lygia Clark (1920-1988), realizada na abertura da exposição 35º Panorama da Arte Brasileira (26 de setembro a 17 de dezembro de 2018), no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Interação curricular entre universidade e museu

Para os universitários, a interação curricular entre a universidade e o museu:

- não existe diálogo entre o currículo e as exposições visitadas;
- os professores não trabalham em sala de aula o conteúdo das exposições visitadas;
- os relatórios produzidos (quando solicitados pelo curso) sobre as visitas ao museu são superficiais e não existe retorno sobre eles;
- o diálogo entre o currículo e o museu poderia facilitar a aprendizagem dos conteúdos.

O número da população universitária, no ano de 2016, chegou a quase 9 milhões de jovens, segundo o Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2017), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação. Em 2016, 34.366 cursos de Graduação foram ofertados em 2.407 Instituições de Educação Superior (IES) no Brasil para um total de 8.052.254 estudantes matriculados. Entre 2006 e 2016, houve aumento de 62,8%, com uma média anual de 5% de crescimento. Entretanto, qual o envolvimento desses universitários com o museu? De acordo com a nossa pesquisa, o envolvimento é pontual, esporádico, sem estímulos e sem diálogos com o currículo. Qualitativamente, temos a perda significativa em relação à formação pessoal e profissional da futura geração de profissionais. E, quantitativamente, temos o desperdício de público para os museus: público universitário qualificado, público profissional adulto e público familiar (já que as futuras famílias dificilmente considerarão o museu um espaço de lazer e de aprendizagem, por falta de costume, de incentivo e de identificação).

De acordo com as falas dos universitários entrevistados, a interação curricular entre a universidade e o museu não existe. Quando acontece (como sugestão para a atividades complementares, por exemplo) é de forma pontual e não dialógica:

Os professores incentivam para estarmos antenados com tudo, mas não pedem retorno sobre o que foi visto e entendido, então desestimula. (M. – 29 anos. Publicidade. Mackenzie. 6º semestre, grifo nosso).

Em relação à visita ao museu como atividade complementar:

Mas o relatório é superficial e não tem diálogo com a disciplina. Perde-se uma oportunidade para explorar algo maior. Não existe uma discussão e um aproveitamento do conteúdo. É uma demanda institucional. (C. – 26 anos. Artes Cênicas USP. 12º semestre, grifo nosso).

O professor não contempla nas discussões em sala de aula a experiência e o repertório construído a partir da visita a uma exposição. O graduando, dessa forma, não estabelece relações com o currículo e isola os conteúdos que foram produzidos na relação com a arte:

Não há relação nem diálogo na sala de aula sobre o que foi visto. Então o que eu acho ou penso fica só comigo mesmo. (M. – 29 anos. Publicidade Mackenzie. 6º semestre, grifo nosso).

Temos um modelo de universidade organizada de forma centralizada nos conteúdos curriculares que formam para o mercado de trabalho instrumentalizado. A universidade está voltada à resolução de problemas por meio de construção científica. Notamos que não há valorização da atividade científica criativa, e o processo cooperativo entre professores e professores e professores e alunos é pautado mais em padrões preestabelecidos e controlados do que em atividades acadêmicas livres e engajadas na herança cultural:

Os meus professores poderiam orientar em relação às exposições, em relação ao que é exposto, eu me sentiria menos perdida do que me sinto às vezes. Às vezes, numa determinada exposição, eu vejo que perco muitas coisas por não entender. (A. – 21 anos. Letras USP. 2º semestre, grifo nosso).

A fala dos entrevistados anuncia o quanto a cultura e o museu poderiam complementar a sua formação e colaborar para uma produção de conhecimento melhor pautada nas necessidades reais:

[...] os professores até incentivam, comentam, às vezes, mas não relacionam com a sala de aula, então faz falta para esse entendimento. As disciplinas de Antropologia e Ética e Filosofia Política, por exemplo, poderiam explorar melhor isso. (L. – 20 anos. Relações Internacionais PUC. 3º semestre, grifo nosso).

Tem uma disciplina do 5º semestre chamada *Ética e cultura num mundo globalizado* e eu **acho que tem tudo a ver explorar o que trabalhamos em sala de aula com alguma exposição. Poderia ficar mais interessante e mais fácil de aprender tanto a disciplina quanto a exposição.** (A. – 22 anos. Relações Internacionais PUC. 2º semestre, grifo nosso).

Os jovens mencionam interesse em participar da vida do museu, até mesmo os que não o visitam com frequência:

Não visito muito os museus. Não sobra tempo além das coisas do curso e da minha vida pessoal. Se o museu tivesse a ver com o curso eu iria [...]. Acho que até tem, como não é pedido, não é incentivado, não sei e não vou. [...]. **E eu não aprendi a me relacionar com as exposições dos museus.** (V. – 22 anos. Escola de Artes Dramáticas USP. 4º semestre, grifo nosso).

Para o jovem graduando que cursa licenciatura, o vínculo com o museu possibilita “aprender a aprender e a ensinar”, além de “**relativizar as coisas, os acontecimentos e os significados**” (K. – 20 anos. Física USP. 2º semestre, grifo nosso).

Os jovens entrevistados que pertencem à USP não mencionaram vínculo com os museus da Universidade⁵. Isso é uma falha e um indicador das dificuldades da articulação entre museu e universidade. Quando citado, o MAC, por exemplo, aparece de forma esporádica:

5 Conforme Brandão e Costa (2007:207-208): “O Estatuto vigente da Universidade de São Paulo, publicado em 1988, define como órgãos de integração quatro museus (Museu de Arte Contemporânea – MAC, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Museu Paulista – MP e Museu de Zoologia – MZ), além dos institutos especializados e núcleos de apoio à pesquisa”.

Os meus professores não sugerem exposições. Nem as do MAC, que, por ser da USP, deveria ter um vínculo maior.

Temos a atividade científica acadêmica: os professores indicam seis exposições para visitarmos, fazermos um relatório e apresentamos o ticket da entrada. Mas o relatório é superficial e não tem diálogo com a disciplina. Perde-se uma oportunidade para explorar algo maior. Não existe uma discussão e um aproveitamento do conteúdo. É uma demanda institucional. Além disso, o professor não precisa dar aula. Visitamos e fazemos tudo por conta. A nota sai no final do semestre. (C. - 26 anos. Arte Cênicas USP. 12º semestre, grifo nosso).

O currículo do Ensino Superior⁶ intenciona formar um profissional competente em sua área de conhecimento e estabelecer relações interdisciplinares com as demais áreas. No entanto, o problema é que esse modo se apresenta menos entusiasmante e menos produtivo no que diz respeito ao acompanhamento e à compreensão das transformações do mundo. Ao negar a contribuição construtiva do museu no desenvolvimento do currículo do Ensino Superior, persistimos em uma concepção limitada e limitante no que diz respeito à formação. Se, de acordo com Adorno (1975), educação é cultura, estamos diante de um problema amplo, mas potencialmente mutável, como mostramos nas falas analisadas dos gestores de museus entrevistados a seguir.

A missão pedagógica do museu

O curador do MAM-SP diz-nos sobre a importância de o professor incorporar o tema das exposições no currículo e afirma que **“o desafio é os museus se apresentarem aos professores com uma perspectiva ampla de possibilidade de relacionamento com a exposição”** (grifo nosso). Para isso, o museu oferece cursos para professores. Essa é uma estratégia para o estabelecimento de vínculo com o ensino formal. Contudo, a maioria dos participantes dos cursos oferecidos para professores pertencem à Educação Básica e não à universidade. De acordo com o curador, para viabilizar a aproximação do museu com os diversos segmentos da sociedade, inclusive com a universidade, **“o museu precisa diversificar as suas abordagens de curadoria”**, estratégia curatorial que o MAM vem desenvolvendo há dez anos. O curador sugere, para facilitar a aproximação da universidade com o museu, que a universidade desenvolva um trabalho de mediação entre os conteúdos do museu e o conteúdo dos cursos: **“talvez precise ser indicado para o professor quais áreas conexas podem ser relevantes para aquela exposição ou uma abordagem alternativa, o que dependeria de uma mediação”** (Curador do MAM-SP, grifo nosso).

A educadora do MAM-SP afirma que a minoria (em torno de 20%) do público do museu participante do Programa de visitação é constituída por universitários e que estudantes dos cursos de Pedagogia e de Artes são os mais assíduos:

A visita do estudante universitário no museu é pautada, principalmente, pelo tema da pesquisa que ele desenvolve.

6 Vide Diretrizes Curriculares Nacionais, do Ministério da Educação, como exemplo: as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, homologadas e publicadas em 9 de julho de 2001, no Diário Oficial da União - Parecer No 492, de 3 de abril de 2001 (BRASIL, 2001). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes?id=12991>. Acesso em: 20 maio 2020.

Nos procuram para entrevistar os educadores da equipe ou outros profissionais do museu para trabalhos de TCC, teses e dissertações. Buscam aprender como acontecem as práticas de mediação desenvolvidas pelo Setor Educativo e como cada educador desenvolve as suas práticas autorais a partir de conhecimentos específicos sobre as exposições e sobre o museu, como pensamos as ações educativas para primeira infância, como realizamos as propostas de acessibilidade e como tais propostas atingem o público diverso, por exemplo. Essas são as maiores demandas que recebemos, e os alunos normalmente são dos cursos de Pedagogia e de Artes. (Educadora do MAM-SP, grifo nosso).

Quando perguntamos sobre a articulação institucional entre o museu e a universidade para o desenvolvimento de pesquisas de cursos de Graduação e Pós-Graduação e formalização de estágios, por exemplo, a educadora revela:

A relação tem muito o que ser aprofundada e estreitada. A participação dos estudantes nas visitas e atividades do museu é espontânea e esporádica, não existe mediação da universidade. Não temos diálogos com a universidade para pesquisas ou troca em relação ao conteúdo acadêmico. O diálogo que existe entre o museu e a universidade é referente ao programa de estágios. A comunicação acontece por meio do RH de ambas. Temos duas vagas de estágio remunerado no setor educativo, que podem durar por até dois anos. (Educadora do MAM-SP, grifo nosso).

A fala do educador do MAC USP também revela que a participação dos universitários nas atividades do museu acontece de modo esporádico:

Dentro da programação das universidades que recebemos, a visita ao museu raramente entra como conteúdo curricular. Os professores que agendam visitas às exposições do MAC são, em sua maioria, dos cursos de Pedagogia, de Artes e de Arquitetura, de faculdades da USP e de outras universidades. Durante a visita abordamos o panorama da história da arte, independentemente do curso e da disciplina. **A visita é pontual. Os grupos visitam a exposição e raramente retornam ao museu.** (Educador do MAC USP, grifo nosso).

O educador, que trabalha no MAC há 16 anos, diz que o único curso que recebeu para visitas periódicas foi o de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas: **“O professor da disciplina de Literatura, Cinema e Artes inseriu as exposições do MAC no conteúdo curricular.** Recebi o professor e seus alunos, semestralmente, durante cinco anos (2013 a 2018)” (Educador do MAC, grifo nosso). O educador afirma, também, que a parceria formal e contínua que existe entre o museu e a universidade acontece por meio do programa unificado de bolsas da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária: **“Assim como os outros organismos da USP, o MAC possibilita que os estudantes façam estágio no museu.”** (Educador do MAC).

Não há dúvidas sobre a potencialidade do museu como espaço de formação. O museu possibilita aos estudantes experiências sobre modos de atuação profissional, sobre o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, sobre ações educativas e propostas de acessibilidade ao público diverso, sobre processos de curadoria, entre outros. O que percebemos são falhas na criação de políticas que favoreçam a articulação entre o currículo do Ensino Superior e as possibilidades formativas do museu, considerando-o uma extensão da universidade de modo a ampliar os limites físicos e conceituais da sala de aula. Buscamos

ênfase a necessidade, a pertinência e a potencialidade de um trabalho contínuo, realizado em parceria, que contemple os diversos cursos da universidade, que fomente o diálogo entre educação e cultura e amplie as possibilidades de cooperação entre as instituições.

Concordamos com a relevância da criação de políticas que facilitem o vínculo entre universidade e museu pelo êxito da experiência do projeto PUC Museus⁷. O trabalho desenvolvido pela PUC-SP para a articulação do currículo com o museu foi possível no momento que dialogamos com os professores e os coordenadores de cursos, de modo a compartilhar a diversidade de conteúdos abordados pelo museu. Nessa ocasião, eles estabeleceram relações com o trabalho desenvolvido em sala de aula, o que incentivou o deslocamento do território curricular da universidade para o espaço museológico.

Quando o curador do MAM diz que “o museu tem uma missão pedagógica e a universidade está dentro desse escopo”, encontramos consonância com a fala do diretor da Pinacoteca do Estado:

O grande desafio por parte dos museus é perceber entradas nas áreas mais distantes. [...] A aproximação e a compreensão de que o museu pode ser um campo de pesquisa para as diferentes áreas do conhecimento deve se fortalecer. [...] Entendemos o nosso trabalho na cultura como um trabalho pedagógico. (Diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, grifo nosso).

A missão pedagógica do museu é concretamente percebida a partir da entrevista com a professora do MAC:

Para que os alunos de Graduação da USP pudessem participar melhor e assiduamente do museu, conseguimos organizar nove cursos de Graduação, ou seja, disciplinas optativas que são oferecidas para todos os alunos da USP. [...] **Existe sim uma conversa entre o museu e a universidade. É uma conversa institucional, pois a universidade reconhece, formaliza e aceita que o museu ofereça essas disciplinas.** [...] Temos financiamento para que os alunos de graduação fiquem no museu, estagiem no museu e isso faz toda diferença. (Professora do MAC, grifo nosso).

O MAC, por ser um museu pertencente a uma universidade e possuir o mesmo sistema administrativo, apresenta facilidades em relação à comunicação institucional necessária para a estruturação de uma parceria efetiva. Ainda assim, notamos uma lacuna em relação à articulação curricular. As disciplinas oferecidas não dialogam com o currículo dos diferentes cursos de Graduação. Segundo o diretor do MAC: **“Quando o MAC ficava no campus, ao lado do Crusp [Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo], os alunos não visita-**

7 A PUC-SP, por meio da Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais, está desenvolvendo, desde setembro de 2017, o projeto PUC MUSEUS. Trata-se de um conjunto ordenado de atividades interdisciplinares e intersetoriais visando articular os cursos de graduação da universidade com as atividades dos museus da cidade de São Paulo. O propósito do projeto é ampliar a formação cultural dos alunos, de modo a expandir o território curricular da universidade para o espaço museológico. Pretende-se gerar novos desafios científicos, culturais, estéticos e interdisciplinares a partir da relação institucional entre professores, disciplinas, grupos de pesquisa, estudantes e museus. O projeto conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da PUC-SP e se fundamenta em um conceito contemporâneo crítico de currículo, que pensa a formação universitária como formação cultural. Parte dos resultados desse projeto pode ser apreciada nas matérias produzidas e divulgadas pela TV PUC, acessíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=poQXEdLS0GQ&t=5s>;

https://www.youtube.com/watch?v=_JAw4i2JSrE&t=192s e

<https://www.youtube.com/watch?v=F4GcgyCclUU&t=227s>. Acessos em: 20 jan. 2020.

vam o museu. Nunca houve uma atividade dirigida aos alunos” (grifo nosso). E ainda:

Valorizamos muito o fato de MAC ser um museu universitário. **Dentro da universidade os museus não são vistos da maneira como gostaríamos que fosse. Os museus são vistos como acessórios que fazem extensão para a universidade**, assim como hospital veterinário, por exemplo. Mas o museu tem a pretensão de fazer muito mais do que isto. **O museu de zoologia, por exemplo, sempre foi visto como um órgão de pesquisa e não como um museu. Diferente do MAC, que é visto como um museu e não como um órgão de pesquisa. E somos as duas coisas.** Temos no MAC duas Pós-graduações, uma em Estética e história da arte e integramos o programa Interunidades em museologia junto aos outros museus da USP e o Instituto de Estudos Brasileiros. Esta interface do museu com a universidade é o nosso cotidiano. (Diretor do MAC USP, grifo nosso).

E, quando os universitários entrevistados pertencentes à USP comentam sobre o museu, não mencionam essa oportunidade nem sequer o estímulo à visita das exposições, conforme fala da estudante C., já mencionada e aqui retomada:

Os meus professores não sugerem exposições. Nem as do MAC, que, por ser da USP, deveria ter um vínculo maior [...]. (C. – 26 anos. Artes Cênicas USP. 12º semestre, grifo nosso).

Tal fato sugere que talvez haja uma falha na comunicação entre o museu e o corpo discente e a universidade e o corpo docente, pois, mesmo havendo integração entre universidade e museu, a estratégia parece não ser suficiente para o estabelecimento de vínculo com grande parte dos estudantes:

Os professores do meu curso não indicam. Acho que seria interessante relacionarem algumas disciplinas com o Museu da Casa Brasileira, por exemplo. Lá poderíamos ver móveis, vestimentas, e como isso influenciou os costumes de uma época. Temos uma disciplina chamada História do Design que tem tudo a ver com o museu, mas não acontece essa relação. Nem no MAC, que é aqui do lado, nós vamos. (G. - 23 anos. Relações Públicas USP. 4º semestre, grifo nosso).

Quando comentamos que o MAC foi transferido para a Avenida Pedro Álvares Cabral, a aluna comenta: “É? Nem sabia” (G. – 23 anos. Relações Públicas USP. 4º semestre, grifo nosso).

A obrigatoriedade das disciplinas oferecidas pelo MAC ou outras disciplinas relacionadas à cultura e ao museu poderia ser uma alternativa para a efetividade da interação curricular entre a universidade e o museu? De acordo com a entrevistada C., existe essa demanda por parte dos alunos:

Tenho uma disciplina chamada ‘Teoria da ação cultural’, que é optativa. Devemos ir em algum evento cultural e descrevê-lo. Também temos a disciplina de ‘Museologia’, mas é opcional da mesma forma. Deveria fazer parte do currículo, pois museus são acervos, possuem biblioteca; tudo a ver com o curso. Os alunos já propuseram ‘Museologia’ como obrigatória há um tempo, mas não deu em nada. (C. – 23 anos. Biblioteconomia USP. 4º semestre, grifo nosso).

O professor do curso de Jornalismo da PUC-SP entrevistado diz-nos sobre a relevância da atitude da universidade ao incentivar, nos professores, o estabelecimento de vínculo com o museu.

A tarefa da PUC é convidar, oferecer. Se não fosse a PUC eu não iria. Poderia ter tido a ideia e a iniciativa sozinho. Mas **a proposta da PUC foi importante, pois trata-se de uma conexão com uma proposta universitária.** (Professor do curso de Jornalismo da PUC-SP, grifo nosso).

O professor refere-se ao projeto PUC Museus, constatando que a iniciativa da PUC-SP **“não é somente uma oportunidade para os alunos. É uma responsabilidade de boas universidades”** (grifo nosso). Compreendemos com isso que, para a efetivação da interação curricular com o museu, são necessárias proposições universitárias curriculares. Segundo o diretor da Pinacoteca do Estado, “precisa-se do envolvimento da universidade” e, para haver articulação entre currículo e cultura, “o currículo deve oferecer frentes para essas relações”. Contudo, nas palavras do diretor, “[...] **esse incentivo cabe à universidade, mas penso que não se trata de programas. A universidade precisa incentivar a curiosidade e o querer do próprio aluno**” (grifo nosso).

A missão pedagógica do museu pode ser apropriada pela universidade a partir do incentivo desta. Segundo o professor do curso de Jornalismo da PUC: “Quando a iniciativa veio da PUC, abracei na mesma hora, pois acho que faz parte de uma educação universitária de qualidade frequentar e explorar museus”. O papel da universidade pode ser, dessa forma, incentivar iniciativas pessoais de diálogo com a cultura. De todo modo, cabe ao currículo contemplar esse incentivo, expandindo o território curricular para os espaços museológicos. Nesse contexto, iniciativas pessoais referem-se também aos projetos de pesquisa do professor, como, por exemplo, o Projeto Tainacan:

O Tainacan é um software para a digitalização de acervos, fruto da pesquisa de um professor da área da cultura digital que discute políticas de difusão de acervos digitais. Acreditamos que o acesso à informação deve fazer parte de uma política pública. Trata-se de um software livre, barato, de fácil acesso e com baixa curva de aprendizagem. (Coordenadora de pesquisa do Projeto Tainacan, grifo nosso).

O professor responsável pela criação do software, que iniciou o projeto na Faculdade de Ciências da Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, integra, desde 2017, o quadro de docentes e de pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Segundo a coordenadora de pesquisa do projeto:

O projeto teve início no ano de 2010, aproximadamente, por meio de um edital do Ministério da Cultura. O objetivo era a construção de um software para a digitalização do acervo da Fundação dos Palmares. No ano de 2014, o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM apresentou interesse no **trabalho, ocasião em que inicia as tratativas com a Universidade Federal de Goiás para a construção de um repositório digital dos museus do IBRAM.** Nessa ocasião, o projeto foi denominado Tainacan⁸. **O IBRAM foi o grande impulsor do projeto.** (Coordenadora de pesquisa do Projeto Tainacan, grifo nosso).

Além dos museus do Ibram, “o Tainacan também é responsável pela digitalização do acervo do Iphan e da Funarte. O conteúdo disponibilizado relaciona-se aos dados técnicos das obras das coleções” (Coordenadora de pesquisa

8 Nome de origem indígena Carajá, povo secular habitante das regiões de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Tainacan significa Deus das constelações e, segundo a coordenadora de pesquisa, o nome é uma metáfora que relaciona os acervos das instituições às estrelas e as constelações às tantas estrelas/acervos que o Tainacan possa reunir.

do Projeto Tainacan). Desse modo, o projeto de democratização do acesso à informação cultural por meio da tecnologia é fruto da iniciativa de um professor e surgiu por meio da criação de uma política de difusão de acervos digitais, consolidando-se com a parceria a um órgão público. Trata-se de um trabalho exercido em parceria pela universidade e pelo museu. O conteúdo não é pautado pela articulação do currículo do Ensino Superior com as possibilidades do museu, tema desta pesquisa. Entretanto, o projeto revela a necessidade do comprometimento dos órgãos públicos na criação de políticas e de iniciativas que incentivem o vínculo entre universidade e museu.

A insuficiente articulação entre universidade e museu

Superar a distância entre educação e cultura é missão da universidade, do museu e essencialmente do Estado. Não temos, no Brasil, uma política que promova a integração dos museus com o currículo universitário. A Constituição Federal de 1988, dos Artigos 205 ao 214, Capítulo III, Da Educação, Da Cultura e Do Desporto, Seção I, Da Educação (BRASIL, 1988), não assegura e sequer sugere a intersecção entre educação universitária, currículo e cultura. No Plano Nacional de Educação – PNE (Lei No 13.005, de 25 de junho de 2014), em vigência até o ano de 2024, a palavra “museu” aparece referida uma única vez, na Meta 6, estratégia 6.4: “fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários” (BRASIL, 2014: 4). Da mesma forma, o museu não está referido na Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do Ministério da Educação, a exemplo das DCN dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, homologadas por meio do Parecer No 492, de 3 de abril de 2001, publicado no Diário Oficial da União em 9 de julho de 2001 (BRASIL, 2001), conforme citado na nota 4 deste artigo. As competências e as habilidades requeridas para o graduando do curso de Filosofia, por exemplo, são, entre outras: capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento; capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política; capacidade para análise, interpretação e comentário de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica; compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais (BRASIL, 2001: 50).

Assim sendo, a expectativa dos órgãos públicos em relação a uma educação universitária que capacite para a consciência crítica, para a análise, para a interpretação e para a compreensão da realidade, do conhecimento e da cultura, enfatiza a importância da articulação entre a educação, a arte e a cultura. São esses itens que possivelmente podem e devem ser trabalhados nos espaços do museu, tornando-o, desse modo, um espaço de oportunidades para a construção de conhecimento e de diálogo com a realidade. Contudo, nenhuma citação é feita à instituição museológica no currículo nacional do Ensino Superior. Não há orientações sobre como o Estado deve garantir o exercício dos direitos culturais, nem sugestões sobre uma possível aproximação entre o currículo, a arte, a cultura, a sociedade e a ciência

Desse modo, faz-se necessária uma nova forma de organização curricular que considere o museu como extensão territorial da universidade, que inove a

relação entre educação e cultura e reitere a premissa de que educação é formação cultural. Referimo-nos à possibilidade de maximizar o potencial intelectual dos jovens graduandos, mantendo uma organização de trabalho cuja definição curricular é prioridade e habilidade da universidade, não se limitando o território de aprendizagem ao campus.

O professor do curso de História entrevistado diz-nos que o museu precisa ser divulgado no espaço da universidade e a comunidade acadêmica necessita estar envolvida: **“O mais efetivo para isso são as iniciativas que partem da universidade e mobilizam professores, alunos e colaboradores”** (grifo nosso). Segundo o professor: **“Há poucas iniciativas de articulação entre a universidade e o museu. Não se percebe que a universidade precisa do museu”** (grifo nosso). Na opinião dele, é necessário que a universidade estabeleça um diálogo próximo com os professores para que percebam o museu como um espaço de formação para os alunos. O que sugere, novamente, é um trabalho de mediação que facilite a aproximação entre as instituições, conforme sugerido pelo curador do MAM, citado anteriormente.

Se os jovens graduandos acreditam na necessidade da cultura para a sua formação pessoal e profissional e sentem falta de incentivo por parte da universidade, se os museus enfatizam sua missão pedagógica e criam estratégias de aproximação entre a universidade e suas exposições e programações, se a universidade discursa sobre o seu papel no desenvolvimento da emancipação do sujeito, podemos salientar que falta: comprometimento dos órgãos públicos na criação de políticas e de diretrizes que acoplem as duas instituições; iniciativa das universidades na estruturação de parcerias com os museus e comunicação entre as intenções do museu para com a universidade e vice-versa, como apontamos nas considerações finais que seguem.

Considerações finais

Nos resultados obtidos por meio da pesquisa de campo apresentada, pudemos vislumbrar que tanto os gestores e os educadores dos museus quanto os alunos e os professores entrevistados acreditam ser importante a articulação entre universidade e museu para a formação cultural dos seus respectivos públicos.

Os educadores entrevistados dizem-nos que a frequência do público universitário no museu é baixa e esporádica. Eles revelam que o diálogo institucional existe para a oportunidade de estágio e que a articulação entre o currículo e os conteúdos das exposições e demais atividades do museu é praticamente inexistente.

Os três gestores entrevistados dizem-nos que a parceria entre museu e universidade depende mais das proposições da universidade do que do museu, pelo fato de que este já estaria aberto e disponível para receber todos os tipos de público. Os gestores salientam, ainda, que a formalização de convênios depende de um conjunto de atividades que o legitimem, e iniciativas pessoais podem ser mais efetivas do que iniciativas institucionais. Além disso, o museu pode e deve ampliar as suas práticas curatoriais e sua programação para dilatar e favorecer o diálogo com o público universitário, pois, no caso dos museus de arte, o conteúdo das exposições extrapola a História da Arte e abre novos campos de interesse para a formação universitária. Assim, cabe à universidade promover a mediação entre esses conteúdos e o currículo.

Os 37 alunos entrevistados que dizem frequentar museus manifestaram interesse em visitar exposições, participar de suas programações culturais e declararam que o diálogo a ser estabelecido em sala de aula com diferentes disciplinas é fundamental para a aproximação com o museu e aproveitamento de suas possibilidades formativas.

Os professores da PUC-SP e a professora do MAC USP entrevistados corroboraram a ideia de que a participação de alunos nos museus é importante para a sua formação cultural e profissional e, também, para a melhor apreensão de alguns conteúdos do currículo. Os docentes confirmaram que o protagonismo para proporcionar o vínculo de formação entre universidade e museus reside no professor. É o professor quem irá sugerir e estabelecer relações entre o currículo universitário, a arte e a cultura ofertadas pelas instituições museológicas. Podemos confirmar essa possibilidade a partir da fala da coordenadora de pesquisa do Projeto Tainacan. Assim, cabe às instituições universitárias a responsabilidade institucional de oferecer um currículo de formação cultural ampliado, implicando, dessa forma, o estabelecimento de parcerias com museus. Percebemos, desse modo, um movimento corporativo espontâneo das instituições que resulta em certa falta de iniciativa, pois cada uma delas está ocupada em manter-se e desenvolver os projetos já existentes – o que na maioria das vezes já é o bastante.

Dessa forma, considera-se um desperdício, por parte da universidade e do museu, a ausência da articulação entre cultura e currículo do Ensino Superior no trabalho de formação do público universitário. A universidade perde uma grande oportunidade e dissipa um território curricular imenso que é o museu. Este, por sua vez, perde quantidade e qualidade de público.

Esta pesquisa indica que a articulação entre museu e universidade pode acontecer de duas formas: um modelo mais institucionalizado, no qual a universidade possui um museu e utiliza-o para agregar à formação cultural de seus alunos, como é o caso do MAC USP, embora nem todos os estudantes tenham conhecimento dessa possibilidade, o que indica uma articulação pouco suficiente; o outro modelo refere-se a uma universidade que não tenha um museu próprio. Nesse caso, a universidade articula-se com diversos museus, tornando-os território curricular, incentivando os alunos a visitarem seus espaços e a vincularem suas experiências ao currículo. É o caso da PUC-SP no Projeto PUC Museus.

Identificamos algumas possibilidades de desenvolvimento da articulação entre museu e universidade. Por parte dos universitários, manifestou-se:

- boa recepção em relação aos conteúdos do museu;
- vontade e necessidade em conhecer mais e melhor o que é oferecido pelos museus;
- abertura ao estudo, à crítica, à reflexão e à investigação cultural e artística;
- necessidade em estabelecer diálogo entre o currículo e a cultura dos museus.

Por parte dos professores:

- foi criticada a falta de iniciativas da universidade para a formação cultural dos seus alunos junto ao museu;
- foi reafirmada a importância de tais iniciativas institucionais;

- foi constatada a falta de divulgação na universidade em relação às possibilidades do museu.

Por parte dos gestores de museus, afirmou-se a necessidade de:

- iniciativas institucionais – por parte dos museus, de aproximação com a universidade;
- iniciativas institucionais – por parte da universidade, de aproximação com o museu;
- iniciativas pessoais – por parte dos professores e dos alunos de ampliação da formação profissional.

Podemos, assim, afirmar conclusivamente que o problema geral que deu origem a este texto, a partir do recorte metodológico adotado (entrevistas com segmentos da universidade e de museus), a ausência da articulação entre museu e universidade e a baixa comunicação entre as duas instituições quanto ao propósito institucional educativo de ambas, embora complexo, permite iniciativas imediatas com resultados promissores. Independentemente dos diferentes níveis de percepção provenientes dos variados modos de atuação, os sujeitos participantes da pesquisa (universitários, professores e gestores) corroboraram isso e afirmaram a necessidade da construção de um currículo que articule educação e cultura.

Quanto a essa ampliação do território curricular entre museu e universidade, a análise das entrevistas revela alguns indicadores promissores: há demanda quantitativa, há necessidade, há expectativa, há funcionalidade, há coerência, há intencionalidade. Desse modo, os resultados desta pesquisa apontam para uma exposição crítica das oportunidades disponíveis para a indispensável articulação entre universidades e museus, para o bem da formação cultural dos estudantes universitários, para uma presença significativa da cultura no currículo do Ensino Superior, para a extensão do território acadêmico no espaço museológico e para a ampliação e o aumento da frequência do público universitário nos museus.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. *Educação & Sociedade*. Campinas, n. 56, ano XVII, p. 388-411, dez. 1996.
- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, Carlos Alberto Ferreira; COSTA, Cleide. Uma crônica da integração dos museus estatutários à USP. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 207 -217, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei N° 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção I, Brasília, DF, n. 120-A, edição extra, p. 1-7, 26 jun. 2014.
- BRASIL. Parecer No 492, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação

Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Diário Oficial da União: seção IE, Brasília, DF, n. 131, p. 50, 9 jul. 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. MEC e Inep divulgam dados do Censo da Educação Superior 2016. INEP, 31 ago. 2017. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4A-QV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206. Acesso em: 10 abr. 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

PASQUALUCCI, Luciana. Cultura, fenômenos sociais e currículo do Ensino Superior: articulações via museu e universidade. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 60, n. 16, p. 3-20, 2020.

APÊNDICE A - Roteiro utilizado para a entrevista com os universitários, nos museus e nos campi universitários

1. Você costuma frequentar museus? Caso sim, por quais motivos? Caso não, por quê?
2. De que forma a experiência no museu é importante para a sua formação pessoal e profissional?
3. Os seus professores incentivam visitas a museus?
4. Existe algum diálogo em sala de aula que relacione a experiência no museu com o conteúdo da disciplina?
5. Você acha que o museu complementa o que é aprendido em sala de aula? De que forma?
6. Você gostaria que a sua faculdade/curso propusesse mais e outras formas de aproximação com o museu?

APÊNDICE B - Roteiro utilizado para a entrevista com professores da PUC-SP e com os gestores de museus

1. Como você concebe a relação entre o museu e a universidade? Há alguma missão comum a ambos?
2. Se sim: de que modo a universidade está presente na missão do museu? E o inverso: de que modo o museu está presente na missão da universidade?
3. Qual é a sua percepção sobre a responsabilidade de ambas as instituições no processo de formação do sujeito (como pessoa, profissional, cidadão...)?
4. Como o museu e a universidade podem trabalhar juntos para a formação cultural do sujeito? O que cabe a cada uma das instituições nessa parceria?
5. O que este museu (Pinacoteca, MAM, MAC...) tem a oferecer aos universitários futuros profissionais que passarão por aqui? E o que você espera deles e da universidade?
6. Para a universidade, a questão central inerente a uma parceria com o museu é a da formação. E para o museu?
7. De que modo os universitários podem usufruir o museu?
8. E o museu, de que modo pode estar presente e usufruir a universidade?

APÊNDICE C - Roteiro utilizado para a entrevista com educadores de museu

1. Com qual frequência você recebe estudantes universitários no museu?
2. Os universitários realizam outros tipos de atividade e diálogo com o museu além do Programa de visitação às exposições?
3. A universidade realiza algum tipo de mediação junto ao museu para a integração dos estudantes?
4. Como o museu e a universidade podem trabalhar juntos para a formação cultural do estudante? O que cabe a cada uma das instituições nessa parceria?
5. De que modo os universitários podem participar mais ativamente do universo do museu?

APÊNDICE D - Roteiro utilizado para a entrevista com a coordenadora do Projeto Tainacan

1. Como surgiu o Projeto Tainacan?
2. Qual é a relação entre o projeto, a universidade e o museu?
3. A iniciativa partiu da universidade, do professor ou do museu?
4. Qual a participação do poder público no desenvolvimento do projeto?
5. O que o projeto oferece?

*Submetido em 04 de maio de 2020.
Aprovado em 31 de julho de 2020.*